

ENTRE PETER PAN E MARILYN MONROE: RECORTES DE GÊNERO A PARTIR DO CARÁTER LÚDICO E FEÉRICO DOS FIGURINOS DA XUXA

*Between Peter Pan and Marilyn Monroe:
gender cuttings from the playful and fairy-like character of Xuxa's costumes*

Odailso, Berté; PhD; Universidade Federal de Santa Maria, odailso.berte@ufsm.br¹

Resumo: O presente texto analisa os figurinos da apresentadora infantil Xuxa Meneghel, no período do programa *Xou da Xuxa* (1986-1992). Com atenção ao caráter lúdico e feérico destes figurinos, especialmente em relação às imagens de Peter Pan e Marilyn Monroe, com as quais ela foi associada, contextualiza-se isso dentro das artes populares da mídia, reflete-se sobre questões de gênero e sobre a performatividade dos figurinos em construir imaginários e a ressonância cultural da apresentadora.

Palavras chave: Figurinos; Xuxa Meneghel; Arte popular da mídia.

Abstract: *This text analyzes the costumes of the children's presenter Xuxa Meneghel, during the period of the Xou da Xuxa program (1986-1992). With attention to the playful and fairy-like character of these costumes, especially in relation to the images of Peter Pan and Marilyn Monroe, with which she was associated, this is contextualized within popular media arts, reflecting on gender issues and on the costumes performativity in building imaginaries and the presenter's cultural resonance.*

Keywords: *Costumes; Xuxa Meneghel; Popular media art.*

Introdução

Utilizando a abordagem metodológica da bricolagem (KINCHELOE, 2007), articulamos nossa reflexão através do entrecruzamento de imagens, músicas e relatos extraídos de entrevistas e programas televisivos, produzindo interpretações interdisciplinares com base em textos da filosofia, da moda e da crítica cultural. Iniciamos situando a apresentadora Xuxa na década de 1980, entre questões politicamente incorretas e duras críticas em relação a sua sensualidade. Na sequência, contextualizamos isso dentro da compreensão de artes populares da mídia nos modos como essas convocam investimentos

¹ Pós-Doutor em Arte pela Universidad Iberoamericana Ciudad de México; Doutor em Arte e Cultura Visual pela UFG; Mestre em Dança pela UFBA; Licenciado em Filosofia pela UPF. Professor do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e do Curso de Dança-Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria, RS.

“Você tem o sorriso de Doris Day, a sensualidade de Marilyn Monroe e uma pitada de Peter Pan” (MENEGHEL, 2020, p. 67), disse certa vez o diretor de televisão Mauricio Sherman, ao convidar Xuxa para apresentar um programa televisivo para crianças. Isso aconteceu antes dela se tornar um ícone da cultura pop brasileira com o programa *Xou da Xuxa*, transmitido pela Rede Globo de Televisão entre 1986 e 1992, e mais tarde em outros países da América Latina, Espanha e Estados Unidos.

Com a canção *Neve na Bahia* (1991), o cantor e compositor brasileiro Gilberto Gil traduziu em poesia e ritmo instigantes maneiras de ver e pensar sobre a pessoa e a persona pública Xuxa. “Xuxa, bruxa, ducha de água fria no fogo do meu plexo solar. Loura, moura, neve na Bahia [...]. Gueixa disfarçada de boneca, sudanesa travestida de alemã [...]”². Com essas e entre outras metáforas poéticas, Gil expressa dualidades que possibilitam refletir sobre a figura pública da apresentadora e sobre modos como ela tem sido vista em sua trajetória.

Muitas foram e ainda são as comparações e imagens associadas a Xuxa: ‘pactuada com o diabo’ (com mensagens demoníacas em seus discos se ouvidos ao contrário); branca de neve eletrônica (BOJUNGA, 1989); Xuxa de neve e seus baixinhos (SODRÉ; DORIA, 1991); “figura erótica, submissa e despreziosa, que conduz seus negócios sentada no colo de executivos da indústria de televisão” e “imagem feminizada de seu caráter – frívola, decorativa e adaptável” (SIMPSON, 1994, p. 63 e 68); ‘antecipadora da menstruação das meninas’, ‘infantilizadora de pais e mães’, ‘bela caudilha da criançada’, ‘felina dos trópicos infantis’, ‘besta fera do apocalipse infantil’ (VASCONCELLOS, 1998); “Xuxa era a Barbie do Brasil” (LONOVA, 2023).

Não sem ojeriza citamos aqui certas afirmações, especialmente as de Simpson e Vaconcellos, as quais mais parecem violentos ataques misóginos e machistas à mulher Xuxa Meneghel, que, propriamente, leituras críticas do sistema televisivo/indústria cultural – manobrada por homens, no qual ela trabalhava, assim como muitos outros(as)

² GIL, Gilberto. *Neve na Bahia*. In: GIL, Gilberto. **Parabolicamará**. Rio de Janeiro: Warner Music, 1991.

ola@grandesite.com.br

roupas, nomeando o programa de “cabaré da Xuxa” (VASCONCELLOS, 1998, p. 34). O palavreado de baixo calão, o sexismo e a falta de escrúpulos chega ao ponto de o referido autor dizer que a “maldita década de 80” caracteriza-se pelo totalitarismo persuasivo da televisão “com a Xuxa” e “de resto, a década da Aids” (p. 21), e ainda, “Xuxa atirando seus beijinhos e tchau-tchau anti-aidéticos” (p. 31).

Entre canções, mitos populares (como o pacto com o diabo) e análises acadêmicas objetificadoras, a trajetória de Xuxa tem sido exaltada, detratada e deturpada. Mas entre isso, percebemos que a sensualidade e a ludicidade são dimensões que se entrecruzam nessa figura pública feminina, o que, para alguém à frente de um programa para crianças, pareceu contraditório. A mudança da carreira de modelo para a de apresentadora infantil, com seu potencial comunicativo espontâneo aliado ao seu biotipo físico, provocou olhares lucrativos, lascivos e condenatórios ao seu redor.

Sobre essa mudança, vale retomar um momento de sua história que figura como um divisor de águas em sua carreira. Em 1982, Xuxa foi ao programa *Etc.* na Rede Bandeirantes, conduzido pelo escritor e cartunista Ziraldo, para divulgar a revista *Playboy* (n. 89, dezembro de 1982), da qual ela foi capa. Lá ela encontrou o diretor de televisão Maurício Sherman que a interpelou da seguinte maneira:

- Quero você em um programa para crianças.
- Mas eu já posei nua, você não viu a revista aqui – respondi, meio sem entender o que ele via em mim.
- Qual o problema? Isso te limita? Essas fotos te definem? Você é maior que tudo isso, Xuxa. (MENEGHEL, 2020, p. 67).

Com a revista em que posou nua em mãos ela foi convidada para ser apresentadora infantil. A surpresa da apresentadora na época, com 19 anos de idade, não foi maior que sua postura (auto)crítica ao comentar, 38 anos depois, sobre a questão de sua sensualidade entre crianças:

[...] botar uma modelo para trabalhar com criança, eu acho que foi uma coisa muito audaciosa, pelo fato de eu não estar preparada [...]. Então a sensualidade era uma

preparação prévia e incentivada a ser ela mesma diante das câmeras, instintiva e obviamente ela usou da espontaneidade que tinha. Não com o propósito de ser propositalmente sensual entre crianças, mas com a expertise de modelo que lidava profissionalmente com trazer o olhar fotográfico sobre si, Xuxa iniciou sua carreira de apresentadora sendo aplaudida e detratada por sua sensualidade. Tal fato expressa uma contradição dentro de um sintoma mais abrangente da cultura brasileira da época que ainda padecia com a censura e a falsa moral do final da ditadura militar e ansiava pela liberdade de expressão associada às transformações culturais mundiais da década de 1980.

A lascividade encontra-se menos na sensualidade de Xuxa que no olhar fático patriarcal que objetifica os corpos femininos e demais corpos que divergem da heterossexualidade normativa e compulsiva. Seja na década de 1980 ou em nossos dias, esse mesmo olhar fático culpabiliza a vítima de estupro/abuso por usar roupa curta em lugar do estuprador/abusador que comete o crime. Esse olhar fático não só alimenta perversões através da objetificação dos corpos femininos, diferentes e também dos iguais que lhe são atraentes, como também os detrata, expurga e os queima na fogueira dos bons costumes, pois, como bem sabemos, uma das melhores formas de defesa é um perverso ataque com requintes moralistas.

O X da questão: o afeto e o politicamente correto nas artes populares da mídia

Com pesadas críticas, Simpson (1994) e Vasconcellos (1998) veem o programa *Xou da Xuxa* como incitador do consumismo infantil e da sexualidade precoce. Em sintonia com Shusterman (1998) pensamos o referido programa entre as artes populares da mídia. Como o rock, a música pop, novelas, séries e filmes fora do circuito *cult* ou do cinema de arte, o *Xou da Xuxa* tem sido não só desconsiderado como detratado por correntes filosóficas e sociológicas de análise da cultura e da arte. Por convocarem reações entusiásticas do corpo/espectador, as artes populares da mídia são vistas como regressivas e produtoras de imbecis culturais. No entanto, a consideração do público como massa homogênea é

ola@grandesite.com.br

“disjunção/interrupção entre o ato e seu significado”, mas “um conjunto ativo e comunal de experiências e práticas sociais em ação” que inclui “uma forma de participação pública em que a prática dominante de se distanciar o corpo da reflexão é recusada”. Os investimentos afetivos do público nas formas culturais populares implicam em experiências de prazer e, nesse sentido, em processos e espaços de criação, pesquisa e ensino, é importante reconhecermos como elas moldam nossas identidades. Importa perceber os afetos investidos em tais artes populares midiáticas para fazer-nos sujeitos das vivências do prazer, atentos(as) a como tais produtos podem impelir ou impedir nossa autonomia, crítica e criatividade.

Xuxa tornou-se um “mito absoluto da televisão brasileira dos anos 80” (BOJUNGA, 1989, p. 14), e ao convocar os afetos de seus fãs, nutria sua subjetividade com muitas imagens e mensagens. Nesse sentido, entendemos que a crítica é necessária pois avalia e possibilita (re)ver o referido programa por outros vieses. Ao avaliar sua trajetória na televisão, em entrevista a apresentadora disse: “80% das coisas que eu fazia no *Xou da Xuxa* era politicamente incorreto, a maneira com que eu falava com as crianças, as coisas que eu fazia, ‘as *merchans*’, o jeito com que eu me vestia, as músicas que tocavam” (PEDRO, 2020).

Comentando sobre a ausência de mulheres negras entre as apresentadoras infantis da época, Ribeiro (2022, p. 174) interpela estruturas midiáticas ao recordar que “as paquitas eram loiras, dizendo que aquele lugar não era para nós”. Lonova (2023) comenta que muitas são as pessoas, “incluindo a própria Xuxa”, que “questionam se o ideal limitado que ela representava era uma influência positiva no Brasil”, um país de população majoritariamente negra, mestiça e diversa, e que hoje desenvolve um amplo debate acerca do “que é considerado belo e quem foi apagado da cultura popular”.

O posicionamento político da apresentadora Xuxa nas eleições presidenciais do Brasil em 2022, opondo-se publicamente a um sistema de governo depredador do meio ambiente e dos povos indígenas, homofóbico, machista, racista e incentivador de tantas violências sociais, sexuais e culturais, é um dado relevante que auxilia a compreender e reafirmar algumas de suas posturas na época do programa. O uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), a presença de pessoas com deficiência, a defesa do meio ambiente, a presença de

construção constantes.

Xuxa compõe o *hall* das artes populares midiáticas, dispositivos influentes na constituição de identidades e experiências, e representativas no tocante à questão da mobilização de investimentos afetivos e aos modos de uso e (re)elaboração das formas culturais populares com as quais nos relacionamos.

“A felicidade se fantasiou de amor”: o figurino na construção da Xuxa

“Traduzir a alegria através de cores e estilos variados é um trabalho à parte no *Xou da Xuxa*”³, comenta a repórter do programa *Video Show* ao adentrar nos bastidores da criação dos figurinos. Liderada pela figurinista Sandra Bandeira, a equipe era composta pelos estilistas Willis Ribeiro, Marcelo Cavalcante e Marcos Gonçalves, os confeccionistas Márcio Chaves e Emília Passos, e a camareira Marlene de Sousa. Conforme Sandra Bandeira, o número de figurinos da Xuxa superava em milhares o número de programas, pois também fazia parte desse montante as roupas de outros quadros do programa, de shows ao vivo, comerciais e filmes.

Figura 1: Croquis dos figurinos de Xuxa



Fonte: GONÇALVES, Marcos. In: FIGURINOS, 1992; RIBEIRO, Willis. In: PACHECO, 2016.

³ FIGURINOS do Xou da Xuxa. Video Show. Rio de Janeiro: Rede Globo, 21 nov. 1992. Programa televisivo.

ola@grandesite.com.br

“Tem o meu alvará [...], tem que ter meu jeito, a minha cara. [...] Eu sempre modifico porque [...], afinal de contas, sou eu que vou vestir”⁴, comentou a apresentadora na reportagem. O envolvimento dela com sua caracterização é movido por um comprometimento pessoal e profissional desde o início da carreira de modelo e de apresentadora. Sobre as primeiras referências que usou para construir sua persona pública, Xuxa expressou ter se inspirado em personagens de desenho animado como a Penélope Chamosa (Corrida Maluca) e a Pedrita (Os Flintstones), e no Capitão Aza (personagem infantil de Wilson Vianna na extinta TV Tupi).

O guarda-roupa da apresentadora no programa *Xou da Xuxa* conformava um conjunto de elementos cênicos, uma espécie de narrativa televisiva junto do cenário e demais personagens (as Paquitas, o mosquito Dengue, a tartaruga Praga, e mais tarde os Paquitos etc.). A própria Xuxa explica:

Quando a gente lembra da estética da época como uma coisa exagerada, tem que ver também que as pessoas não andavam nas ruas usando aquilo tudo – as minhas roupas faziam parte de um figurino de artista, de palco, de cenografia. (SANTA CRUZ, 2022, p. 81).

As vestimentas de Xuxa em seu programa eram figurinos artísticos que compunham uma cenografia televisiva. Conforme Cunha (2009), para que o figurino cumpra seu papel de “criar o visual da narrativa televisiva [...], o figurinista vai desenvolver e/ou escolher roupas que entendam as necessidades do roteiro e da direção” (p. 32-33). Segundo Souza e Ribeiro (2021), enquanto conjunto de acessórios e indumentária artística destinada à composição da personagem, o figurino de televisão além dessa função, pode se tornar referência de moda. Ele reproduz tendências de outras épocas e lugares e, ao mesmo tempo, (re)cria tendências que adentram o sistema sociocultural e econômico de produção de roupas, venda e consumo.

Alguns entendimentos de Sette (2005) sobre o figurino no teatro de revista do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX, nos auxiliam a construir outros olhares sobre os figurinos de Xuxa, especialmente sobre seu caráter lúdico (Peter Pan) e feérico (Marilyn

⁴ FIGURINOS do Xou da Xuxa. Vídeo Show. Rio de Janeiro: Rede Globo, 21 nov. 1992. Programa televisivo.

de 1930. Conforme as referências políticas foram desaparecendo, devido a censuras e às influências estrangeiras, os quadros feéricos e números musicais (canto e dança) foram reconfigurando o teatro de revista carioca. Com isso, “o figurino, dotado de uma nova funcionalidade e plasticidade ‘bataclânica’, valorizou ainda mais o corpo feminino”, com as “vedetes, ora vestidas com fantasias deslumbrantes, ora exibindo os seus corpos esculturais” (SETTE, 2005, p. 107).

Embora os trajes de Xuxa não fossem trajes de vedete, a compreensão do figurino-fantasia nos possibilita compreender o caráter feérico, ou seja, suntuoso dos seus figurinos. Os tecidos coloridos e brilhantes, as pelúcias, os adereços, detalhes e arremates em pedraria, metal e outros materiais cintilantes, as botas, os shorts, minissaias, vestidos e blusas que ora expunham partes do corpo (barriga, costas, ombros, pernas), ora as ampliavam com ombreiras, capas, tiaras e coroas, conformam um arsenal de elementos que caracterizam o estilo feérico dessas indumentárias.

O caráter lúdico do figurino pode ser visto nos modos como a rainha de roupas alegres, coloridas e cintilantes chegava em sua nave espacial e descia desta por uma escada de arco-íris, e era recebida por seu público que cantava: “Amiguinha Xuxa é hora de brincar, estamos esperando só você chegar, a felicidade se fantasiou de amor”⁵.

[...] a moça, às vezes princesa, boneca, astronauta, a apresentadora. [...] A nave trazia aquela moça, que pra mim no começo era como certas tias da pré-escola, as moças do teatro mambembe do outro programa, essas adultas que pareciam diferentes dos demais, adultas com roupas de brincadeira, fantasias, adultas meio de fadas, artistas, adultas que organizavam a possibilidade de brincar. (WHITEMAN, 2022, p. 172).

A nave trazia a moça-boneca-fada-princesa-professora brincante que parecia vir de outra galáxia, uma apresentadora extraterrena, cuja ternura lembrava as professoras da pré-escola com roupas que mesclavam exuberância e ludicidade. Eles constituíam-se como roupas de brincadeira ou de quem possibilitava o brincar, remetiam à fantasia, ou seja, lembravam vestes de fadas, com caráter lúdico, ou seja, fantástico.

⁵ CORREA, Messias; ENOÉ, Rogério. Amiguinha Xuxa. In: MENEGUEL, Xuxa. **Xou da Xuxa**. Rio de Janeiro: Som Livre, 1986.

ola@grandesite.com.br

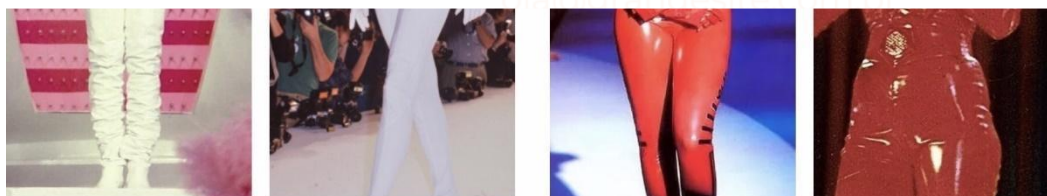
das indumentárias” e o cálculo de que, “nos seus primeiros dois anos na Globo, ela se vestiu de 759 maneiras diferentes”. Com base nisso, Simpson analisa o que chama de o guarda-roupa extravagante de Xuxa:

O aspecto de desfile de modas do programa, além de contribuir para uma acelerada pressão de consumo, prepara o terreno para que a figura da mulher seja vista como uma espécie de manequim ou boneca. O jogo feminino do vestir-se aparece de várias formas no *Xou*, a mais literal sendo a do quadro no qual as crianças enfeitam Xuxa com coroas e faixas. A ênfase sobre moda também encoraja meninas e mulheres a associar o sucesso com moda. (SIMPSON, 1994, p. 82).

Os constantes anúncios de produtos no programa conformavam uma problemática influência para o público incentivadora do consumismo. Na relação dos figurinos da apresentadora com a moda e a cultura da época, o editor de moda Marcell Maia percebe como Xuxa criou um estilo com as ombreiras, as botas longas e as vestes náuticas (*look navy*). Ao se referir ao vestuário de Xuxa no contexto da moda dos anos 1980, Maia comenta que

[...] tem muito do tempo, da fonte que ela e provavelmente a equipe de figurino de criação construiu em cima de referências militares e também muito em cima da moda que a época ditava. Tem muitas referências ao Thierry Mugler, ao Claude Montana. E acho que isso ficou muito forte essa imagem, principalmente as referências lúdicas, que alimentavam muito a imaginação do público. (MONTEIRO, 2022).

Figura 2: Modelos de Thierry Mugler, Claude Montana e figurinos de Xuxa



Fonte: MEMÓRIA Globo; RIEL, Pan van. 1978. In: EUROPEANA; Youtube Fashion Chanel, 2022; Galeria da Xuxa, 2023.

Conforme a figura 2, é possível encontrar semelhanças entre criações dos estilistas franceses Claude Montana (1974) e Thierry Mugler (1945-2022) e os figurinos de Xuxa. Montana definiu a moda dos anos 1980 como a década dos ombros mais largos. O macacão branco decorado com xis prateados, usado por Xuxa em 1992, parece encontrar referência nos macacões brancos de ombreiras largas e detalhes prateados da coleção Outono/Inverno (1986-1987) de Montana. Na turnê relativa ao disco *Xou da Xuxa 6*, no ano de 1991, a apresentadora usou um macacão vermelho com evidente referência a um dos modelos da coleção Primavera/Verão (1991) de Mugler.

Thierry Mugler e Claude Montana, entre outros nomes como Christian Lacroix, Jean-Paul Gaultier e Franco Moschino, são estilistas que podem ser vistos como possíveis inspirações na criação dos figurinos de Xuxa. A moda da década de 1980, que foi do estilo *New Wave* ao da ginástica aeróbica (*leggings* e *sportswear*), pode ser considerada feérica, extravagante e policromática, incluindo tanto roupas curtas e coladas como volumes e proporções avantajadas. Os referidos figurinos da apresentadora Xuxa expressam essas características, sendo aqui compreendidos como uma bricolagem entre referências da moda, cultura pop e aspectos de lúdicos e feéricos, articulando-se como agentes definidores da persona pública Xuxa.

Xuxa: entre Barbie e *drag queen*, a performatividade de seu figurino

Na recente série documental sobre sua trajetória, a apresentadora Xuxa declarou:

carater iudico (boneca) e teerico (*drag queen*) despoitam como caraterísticas que conformam a peculiaridade de seus figurinos. Não à toa, crianças, mulheres e sujeitos LGBTQIAP+ conformam seu séquito de fãs desde o princípio de sua carreira. Semelhante à carreira meteórica da cantora pop estadunidense Madonna, Xuxa foi e é um ícone pop para muitos membros da comunidade LGBTQIAP+ que veem nela acolhimento e inspiração. Sobre isso, a *drag queen* e cantora brasileira Glória Groove assim expressou:

[...] Eu acho que nesse momento eu falo por todas as *drag queens* brasileiras, quando eu digo que sem ter a Xuxa na nossa vida, a gente não seria capaz de fazer metade do que realizamos até aqui. Fora que a gente não teria inúmeras referências incríveis de moda, visual, filme, música. Ser fã da Xuxa é poder embarcar em universos diferentes [...].⁶

E também o ator Silvero Pereira, assim desabafou:

[...] Como criança viada, de uma família no interior do Ceará, onde eu conseguia ver o mundo era através da televisão [...]. Porque eu sempre soube que eu queria ser artista [...]. E aí chegava essa mulher, nessa nave [...]. Eu não sou de uma referência de RuPaul, eu sou de Xuxa. A Xuxa, pra mim, é o RuPaul da minha época [...].⁷

Comparada à *drag queen* estadunidense RuPaul, Xuxa também pode ser vista como uma *popstar* que, de modelo a apresentadora, encadeou elementos da moda, cinema, música e televisão que impulsionaram sua carreira e a construíram como ícone brasileiro admirado por pessoas de diferentes idades e identidades de gênero. E ela corrobora isso ao se tornar apresentadora, junto da *drag queen* brasileira Icaro Kadoshi, do *reality show* do canal de streaming *Amazon Prime*, intitulado *Caravana das Drags* (2023), coroando a conjunção de moda e cultura pop que a tornou uma referência para a comunidade LGBTQIAP+.

Xuxa comenta ter sido “a boneca, a babá, a amiga dessas crianças [...]. Uma Barbie da época” (LONOVA, 2023). Em suas diferentes séries de bonecas fabricadas no Brasil e nos Estados Unidos, a semelhança com a boneca Barbie sempre foi uma marcante característica.

⁶ XUXA – 60 Anos. Altas Horas, Rio de Janeiro: Rede Globo, 11 mar. 2023. Programa televisivo.

⁷ XUXA – 60 Anos. Altas Horas, Rio de Janeiro: Rede Globo, 11 mar. 2023. Programa televisivo.



Fonte: Instagram Xuperblog; Boneca Xuxa SuperStar, Rose Art (EUA, 1993), coleção Odailso Berté; Exposição de Figurinos Navio Xuxa, 2023.

Na figura 3 vemos o figurino atravessando fronteiras espaciais e temporais, pois aparece no programa de televisão (gravação do programa piloto para a rede estadunidense MTM, 1992), na boneca Xuxa SuperStar (1993) e na exposição (2023)⁸ que reuniu 60 dos seus figurinos considerados mais icônicos, em alusão ao seu aniversário de 60 anos (MUNIZ, 2023). Essa é também uma forma de atravessamento de imaginários: a roupa da mulher real idolatrada através da TV, outras formas de imagens e grandes shows; a roupa da boneca – artefato inanimado que possibilita ter em mãos uma miniatura da ídola distante e intocável; e a roupa original que, 31 anos depois, contemplada em um projeto expográfico, presentifica memórias, afetos e experiências. Sobre a experiência de ver seu séquito de fãs prestigiando a exposição de seus figurinos, Xuxa comentou:

[...] Como se fosse no túnel do tempo que eles entraram com 40 [anos de idade] e ficaram com 4, com 14, com 10, com 5... Parecia que eles estavam entrando e dizendo assim: 'Aqui eu posso, porque ela deixa. Ela fala que aqui eu posso, ela me aceita do jeito que eu sou'. [...] Quem somos nós para julgar alguém, mas eles sabem que do meu lado eles não vão ser julgados. Eles não estão vendo uma sessentona, eles estão vendo a fada madrinha, eles estão vendo aquela menina que brincava, que era quase uma boneca para eles. (NAVIO, 2023, grifo nosso).

Essa capacidade do figurino fazer ver ou dar a ver a fada madrinha, a boneca, a amiga que brinca e acolhe sem julgar, mesmo não sendo uma veste literal, entendemos aqui como o

⁸ A referida exposição foi realizada durante a programação do *Navio Xuxa*, um cruzeiro recreativo com partida e chegada no Porto de Santos, SP, entre 24 e 27 de março de 2023. A seleção dos figurinos foi feita por Xuxa, Marcelo Cavalcante, seu estilista desde os tempos do programa *Xou da Xuxa*, e a estilista Michelly X que também foi a responsável pela restauração das peças.

ola@grandesite.com.br

corpo é visto por outro, esse poder também performa o olhar do observador fazendo-o ver, dando-lhe a ver imagens que transcendem a materialidade vista.

Em seu caráter lúdico e feérico, e com seu poder performativo, o figurino de Xuxa é elemento basilar na construção de sua persona pública sob o título de “Rainha dos Baixinhos”. Mescladas, as imagens da sensualidade de Marilyn Monroe e da pitada lúdica de Peter Pan proliferaram em tantas outras imagens: rainha, fada madrinha, princesa, heroína, amiga, boneca etc. A icônica ‘imagem Xuxa’ pode ser considerada um conglomerado de imagens femininas cujo efeito nos imaginários e ressonância cultural são efetivados pelos figurinos. Algumas dessas imagens femininas podem ser vistas como docilizadas e outras como empoderadas, mas fato é que Xuxa condensa uma forte presença feminina na mídia em uma época (anos 1980 e 1990) onde a televisão e outros aparatos de comunicação eram dominados por homens e a mulher tinha um papel decorativo, objetificado e sexualizado.

Xuxa nunca se viu como feminista, mas mesmo assim se tornou símbolo de empoderamento feminino [...]. Quando Xuxa alcançou a fama, ela se tornou uma ativista por acidente. Ela amava os animais e por isso falava sobre os direitos dos animais em seu programa. Ela aprendeu a linguagem de sinais para poder se comunicar com os espectadores surdos. E usando figurinos que evocavam a cultura *drag*, ela se tornou uma ídola na comunidade LGBTQ. (LONOVA, 2023).

Xuxa comandou diferentes programas junto a outras mulheres (diretora, assistentes, coadjuvantes de palco), gerenciou a própria carreira e seus bens, criou uma filha sendo mãe solteira e sempre se manteve como mulher independente de homem e da instituição do casamento. Assumindo com dignidade seus 60 anos de idade, ela tem refletido sobre as atitudes politicamente incorretas em seu trabalho com crianças e sobre os abusos sexuais, morais e de poder que sofreu.

“Assim como a famosa boneca [**Barbie**], Xuxa também é branca, loira e de olhos azuis” (LONOVA, 2023, grifo nosso). E semelhante a personagem ‘Barbie estereotipada’ do filme *Barbie* (2023), ela pode ser vista com a ‘branca salvadora’, uma imagem feminina hegemônica, mas que assume a diversidade como bandeira e, ciente da dimensão do seu alcance como figura pública, alça sua voz em favor de causas, sujeitos e projetos. Como a

O caráter lúdico e feérico dos figurinos de Xuxa possibilita pensar a construção de sua imagem pública dentro das artes populares da mídia e entre a sua criticada sensualidade perante crianças e a sua exaltada ternura para com esse público. O poder performativo de seus figurinos que aqui interpretamos, performa o olhar e o imaginário do público, dando a ver a fada, amiga, rainha, princesa, heroína, boneca, imagens essas que transcendem a materialidade vista. Docilizadas e/ou empoderadas, essas imagens conformam a persona pública Xuxa, um complexo ícone feminino que embora não seja feminista, pode ser visto como um símbolo de empoderamento da mulher, sujeitos LGBTQIAP+ e outras diferenças. Tal qual uma hiperbólica *drag queen* e/ou uma graciosa boneca Barbie, seus figurinos configuram-se como paramentos agenciadores que efetivam sua ressonância nos afetos e imaginários individuais e no vasto contexto sociocultural.

Referências

- ACASO, María. **Pedagogías invisibles**: el espacio del aula como discurso. Madri, Espanha: La Catarata, 2012.
- AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**: palavras e ação. Porto Alegre: Artmed. 1990.
- BOJUNGA, Cláudio. Xuxa: filha diletta da Mãe-TV, ela coleciona façanhas espantosas. **Jornal do Brasil**. p. 14. Rio de Janeiro, 31 dez. 1989. Caderno Domingo.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CUNHA, V. M. A moda na mídia: a telenovela como expoente. Uma análise de Viver a vida. 2009. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/32945>>. Acesso em: 11 maio 2023.
- DAZI, Camila; KLEN, Jonathan Fernandes. A moda como indicador social e detentora de memória: valorização e preservação. **Ensino em Artes, Moda e Design**, vol. 4, n. 3, p.172-188, 2594-4630, out. 2020 - jan. 2021.
- EUROPEANA. Fashion Show Claude Montana by Paul van Riel. Disponível em: <https://www.europeana.eu/en/search?page=1&view=grid&query=Fashion%20Show%20Claude%20Montana>. Acesso em: 6 maio 2023.

GIROUX, Henry A. A cultura popular como uma pedagogia de prazer e significado: descolonizando o corpo. In: GIROUX, Henry A. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional**: novas políticas em educação. Porto Alegre, RS: Artmed, 1999. p. 211-240.

KINCHELOE, Joe L. **Pesquisa em educação**: conceituando a bricolagem. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LONOVA, Ana. Xuxa era a Barbie do Brasil. Será que foi um erro? **New York Times**, 15 ago. 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/pt/2023/08/15/world/americas/xuxa-barbie-brasil.html>. Acesso em 16 ago. 2023.

MEMÓRIA Globo. Xou da Xuxa. 2021. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1986-1992. Programa Televisivo, 2.000 episódios. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/infantojuvenil/xou-da-xuxa/>. Acesso em: 6 maio 2023.

MENEGHEL, Xuxa. **Memórias**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2020.

MONTEIRO, Gabriel. Xuxa e a moda. Podcast Elle News, 5 abr. 2022. Disponível em: <https://elle.com.br/podcast/xuxa-e-a-moda-brasileira>. Acesso em: 17 maio 2023.

MUNIZ, Flavia. Xuxa volta no tempo e visita exposição com 60 looks icônicos de sua carreira. GSHOW Moda e Beleza, 26 mar. 2023. Disponível em: <https://gshow.globo.com/moda-e-beleza/noticia/xuxa-volta-no-tempo-e-visita-exposicao-com-60-looks-iconicos-de-sua-carreira.ghml>. Acesso em: 13 maio 2023.

NAVIO da Xuxa. Fantástico. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2 abr. 2023. Programa televisivo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8zrLm75R4II>. Acesso em: 8 maio 2023.

PACHECO, Paulo. Roupas do “Xou da Xuxa” era “surrealista” e não brega, defendem criadores. UOL TV e Famosos, 2016. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2016/06/30/roupa-de-xuxa-era-surrealista-e-nao-brega-defendem-criadores.htm>. Acesso em: 6 maio 2023.

PEDRO Bial entrevista Maria da Graça Xuxa Meneghel. Conversa com Bial, Rio de Janeiro: Rede Globo, 22 maio 2020. Programa Televisivo. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8574556/>. Acesso em: 13 maio 2023.

RIBEIRO, Djamila. Um iceberg de exclusões. **Elle Brasil**, São Paulo: Papaki, vol. 7, 1ª ed., p. 174, 2022.

SANTA CRUZ, Angélica. De volta ao Planeta Xuxa. **Elle Brasil**, São Paulo: Papaki, vol. 7, 1ª ed., p. 64-85, 2022.

SETTE, Leila Bastos. O papel do figurino no teatro de revista carioca. **Urdimento**, Florianópolis, v. 1, n. 7, dez. 2005.

SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a arte**: o pensamento pragmatista e a estética popular. São Paulo: Ed. 34, 1998.



17 fórum das
escolas de moda

9º CONGRESSO DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

pedro.bial@grandesite.com.br

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. **O cabaré das crianças**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1998.

XUXA – 60 Anos. Altas Horas, Rio de Janeiro: Rede Globo, 11 mar. 2023. Programa televisivo.

XUXA, O Documentário. Episódio 1: Supernova. [Série documental]. Direção: Cassia Dian, Monica Almeida. Direção artística: Pedro Bial. Rio de Janeiro: Globoplay, 2023. (59 min.), son., color.

WHITEMAN, Vivian. Memórias da nave: memórias e desmemórias de uma criança em busca da conquista do espaço. **Elle Brasil**, São Paulo: Papaki, vol. 7, 1ª ed., p. 172, 2022.